

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

## DUPLA REFERÊNCIA (Karliane Macedo Nunes)

A escravidão destruiu as estruturas familiares dos africanos trazidos como escravos para o denominado “Novo Mundo”, submeteu-os ao trabalho compulsório e impôs um novo modo de vida que pressupunha uma outra maneira de existir e viver suas crenças. Para manter vivas suas expressões culturais, os povos africanos vivenciaram um modo muito particular de adequações, transformações e influências, resultantes da interação com os outros elementos constitutivos dessa nova realidade – o branco europeu e o indígena americano. Ao analisar a cultura negra na América, Henry Louis Gates Jr. afirma que esta se constitui de **dupla voz**. O autor afirma que a experiência da escravidão exigiu dos negros a formulação de uma técnica de sobrevivência de **duplo sentido**. Essa duplicidade, segundo ele, reflete-se na formulação do sentido e na elaboração de formações discursivas e comportamentais de **dupla referência**. Isso estabelece um diálogo intercultural entre formas de expressão africanas e ocidentais, sendo justamente o artifício dialógico que integra a manifestação do *ethos* africano nas Américas. (MARTINS, 1995, p. 53, apud GATES, s/d).

Ao se voltar mais especificamente para a análise da cultura negra no Brasil, Muniz Sodré também destaca a presença imanente de um jogo duplo na formação social brasileira. E vai dizer que “nos espaços permitidos pelos brancos, os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultuavam deuses e retomavam a linha do relacionamento comunitário, numa estratégia africana de jogar com as ambigüidades do sistema, de agir nos interstícios da coerência lógica”. Em outras palavras, isso quer dizer que para manter vivas tradições culturais de diferença simbólica, a cultura negra no Brasil tornou-se uma cultura de “dupla referência”. É essa aparência que traduz um modo de “relacionamento com o real”, e que difere da busca ocidental de uma verdade “universal e profunda” (SODRÉ, 1983). Desse modo, quando a religião dos orixás (o candomblé na Bahia) foi reinventada em solo brasileiro, certos aspectos e conceitos da antiga cultura africana deixaram de fazer sentido e/ou desapareceram. Mas, por outro lado, muito das velhas idéias e noções se reproduziram na cultura religiosa dos terreiros de candomblé e de outras religiões dedicadas aos orixás iorubanos, *voduns fons* e *inquices bantos*, ao mesmo tempo em que muita coisa se conservou, em maior ou menor escala, em aspectos não religiosos da cultura popular de influência africana. (PRANDI, s/d).

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

Para além dos aspectos religiosos e do contexto da escravidão, o código da duplicidade pode ser observado também na contemporaneidade, quando pensamos, por exemplo, na maneira como homens e mulheres negras lidam com a corporeidade, e mais especificamente com a questão do cabelo, que na África do século XV se constituía num sistema complexo de linguagem.

No processo histórico brasileiro, a cultura negra constrói sua relação com a corporeidade através da tensão rejeição/aceitação do próprio corpo, que ora é visto com símbolo de beleza, ora como símbolo de inferioridade. Ora é usado estrategicamente como objeto de inserção no mundo moderno, ora se aproxima mais do universo simbólico do candomblé.

A atenção dada ao cabelo pode ser vista, a um só tempo, como marca simbólica que remete à ancestralidade africana e como ferramenta de inserção do negro contemporâneo no mundo moderno mercantilizado e globalizado.

Assim, mais uma vez, destaca-se a questão da **dupla referência** quando se pensa numa cultura negra. **Dupla referência** esta que, na atualidade, nos remete às negociações, tensões e oposições/aproximações entre o ancestral e o moderno de que se constitui a cultura negra, e que marca todo o trajeto da diáspora africana, desde a vinda forçada para as Américas, a escravidão, a abolição e o ajustamento à modernidade, ou seja, justamente os contextos nos quais os negros tiveram que (re)criar sua cultura.

Pensar o conceito de **dupla referência** mostra-se como uma possibilidade enriquecedora também na medida em que problematiza determinados discursos que dão ênfase a uma suposta “pureza” cultural quando se referem à negritude brasileira, em especial a baiana, e que tendem, por isso mesmo, a engessar termos como cultura e identidade. Termos estes, que merecem ser observados, antes, por seus movimentos e por seus aspectos de multiplicidade e de ambiguidade. Assim, a **dupla referência** constitui-se em relevante ferramenta para pensarmos o processo complexo engendrado pelos afrodescendentes no que se refere à construção de suas estratégias de sobrevivência simbólica.

**Referências Bibliográficas e Webgráficas:**

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

GATES, Henry Louis. *The signifying monkey. A theory of African american literary criticism.* New York. Oxford, 1988.

MARTINS, Leda. *A cena em sombras.* São Paulo. Perspectiva, 1995.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás.* São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

SANSONE, Livio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. *Mana* 6(1):87-119, 2000.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida.* Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1983.